



## A Experiência da Morte e do Morrer: Aspectos Psicológicos, Filosóficos e Espirituais.

Stanislav Grof, M.D.

Tradução de Álvaro Jardim

Você sofre por aqueles que não devem sofrer.  
Os sábios não entristecem nem os vivos nem os mortos.  
Nunca, em nenhum momento eu estava.  
Nem tu, nem estes príncipes dos homens.  
Nem nunca deixaremos de ser o futuro.  
Pois o irreal não tem ser e o real nunca deixa de existir. \_ Bhagavad Gita

Seria difícil imaginar um assunto que seja mais universal e mais pessoalmente relevante para cada indivíduo do que a morte e o morrer. No decorrer de nossa vida, todos perderemos conhecidos, amigos e parentes e, eventualmente, enfrentaremos nossa própria morte biológica. Em vista desse fato, é surpreendente que até o final da década de 1960, a civilização industrial ocidental mostrasse uma quase completa falta de interesse no assunto da morte e do morrer. Isso era verdade não apenas para a população em geral, mas também incluía cientistas e profissionais envolvidos em disciplinas que deveriam se interessar por esse assunto, como medicina, psiquiatria, psicologia, antropologia, filosofia e teologia. A única explicação plausível para essa situação é a negação maciça da morte e a repressão psicológica de toda essa área.

Esse desinteresse é ainda mais impressionante, quando comparamos essa situação com as culturas antigas e pré-industriais e percebemos que a atitude delas em relação à morte e ao morrer era diametralmente diferente. A morte teve um papel extremamente crítico e central em suas cosmologias, filosofias, vida espiritual e ritual e mitologias, bem como na vida cotidiana. A importância prática dessa diferença se torna óbvia quando comparamos a situação de uma pessoa que enfrenta a morte nesses dois ambientes históricos e culturais.

Uma pessoa que morre em uma das sociedades industriais ocidentais geralmente tem uma visão de mundo pragmática e materialista ou é pelo menos muito profundamente influenciada pela exposição a ela. De acordo com a principal

ciência acadêmica ocidental, a história do universo é a história do desenvolvimento da matéria. Vida, consciência e inteligência são produtos secundários mais ou menos acidentais e insignificantes desse desenvolvimento. Eles apareceram em cena após muitos bilhões de anos de evolução da matéria passiva e inerte em uma parte trivialmente pequena de um imenso universo. Em um mundo onde apenas o que é material, tangível e mensurável é real, não há lugar para espiritualidade de qualquer espécie.

Embora as atividades religiosas sejam geralmente permitidas, ou mesmo formalmente incentivadas, de um ponto de vista estritamente científico, qualquer envolvimento na espiritualidade parece ser e é interpretado como uma atividade irracional que indica imaturidade emocional e intelectual - falta de educação, superstição primitiva e regressão a pensamento mágico e infantil. As experiências diretas das realidades espirituais são vistas como manifestações de uma doença mental grave, a psicose. A religião, desprovida de seu componente experimental, perdeu em grande parte a conexão com sua profunda fonte espiritual e, como resultado, tornou-se vazia, sem sentido e cada vez mais irrelevante em nossa vida. Dessa forma, não pode competir com a persuasão da ciência materialista apoiada por seus triunfos tecnológicos.

Nessas circunstâncias, a religião deixou de ser uma força vital durante a nossa vida, bem como no momento da morte e do morrer. Suas referências à vida após a morte, às aventuras póstumas da alma e às residências do Além, como céu e inferno, foram relegadas ao reino dos contos de fadas e manuais de psiquiatria. Toda a história espiritual da humanidade foi patologizada. No berço de todas as grandes religiões do mundo havia experiências transpessoais de seus fundadores, profetas e santos. Podemos pensar aqui, por exemplo, no encontro de Buda com Kama Mara e seu exército ou no reviver de vários episódios de suas encarnações passadas, acompanhados de "rompimento dos laços cármicos". O Antigo Testamento descreve a visão de Moisés de Jeová na sarça ardente e o Novo Testamento, a tentação de Jesus do pelo diabo durante sua permanência no deserto. As escrituras islâmicas retratam a jornada de Maomé através dos sete céus, paraíso e inferno na companhia do arcanjo Gabriel. Segundo a psiquiatria tradicional, todas essas experiências são indicativas de psicopatologia grave, doença mental dos indivíduos envolvidos.

A literatura psiquiátrica é abundante em artigos e livros discutindo qual seria o melhor diagnóstico clínico para várias figuras espirituais famosas, algumas delas da estatura de Buda, Jesus, Maomé, Ramakrishna ou Santo Antônio. As experiências visionárias dos reinos transpessoais são geralmente atribuídas a psicose grave do tipo esquizofrênico ou epilepsia, como é o caso de Maomé. São João da Cruz foi rotulado como "degenerado hereditário" e Santa Teresa de Ávila

uma "psicótica histérica". Os antropólogos tradicionais discutiram se os xamãs são psicóticos, histéricos ou epiléticos. Existe até um artigo que aplica critérios psicopatológicos à meditação. É intitulado "Treinamento budista como catatonia artificial" e seu autor é o famoso psicanalista e fundador da medicina psicossomática Franz Alexander (Alexander 1931).

Segundo a neurociência ocidental, a consciência é um epifenômeno da matéria, um produto dos processos fisiológicos do cérebro e, portanto, criticamente dependente do corpo. A morte do corpo, particularmente do cérebro, é então vista como o fim absoluto de qualquer forma de atividade consciente. A crença na jornada póstuma da alma, vida após a morte ou reencarnação é geralmente ridicularizada como um produto do pensamento positivo de pessoas que são incapazes de aceitar o óbvio imperativo biológico da morte, cuja natureza absoluta foi cientificamente comprovada, sem qualquer dúvida razoável. Pouquíssimas pessoas, incluindo a maioria dos cientistas, percebem que não temos absolutamente nenhuma prova de que a consciência seja realmente produzida pelo cérebro e nem mesmo uma noção remota de como algo assim poderia acontecer. Apesar disso, essa suposição metafísica básica permanece um dos principais mitos da ciência materialista ocidental e tem profunda influência em toda a sociedade.

Essa atitude inibiu efetivamente o interesse científico nas experiências de pacientes que estão morrendo e de indivíduos em situações de quase morte até a década de 1970. Os raros relatos sobre esse assunto receberam muito pouca atenção, sejam eles na forma de livros para o público em geral, como "The Vestibule" de Jess E. Weisse (Weisse 1972), e "Glimpses of the Beyond" de Jean-Baptiste Delacour (Delacour, 1974), ou pesquisas científicas, como o estudo de observações no leito de morte de médicos e enfermeiros, conduzidas por Karlis Osis (Osis 1961). Desde a publicação do best-seller internacional "Life After Life" de Raymond Moody em 1975, Elizabeth Kübler-Ross, Ken Ring, Michael Sabom e outros pioneiros em tanatologia acumularam evidências impressionantes sobre as características surpreendentes das experiências de quase-morte da percepção extra sensorial precisa durante as experiências fora do corpo para as profundas mudanças de personalidade que as seguem.

O material desses estudos tem sido amplamente divulgado e utilizado pela mídia de programas de entrevistas na TV para filmes de Hollywood. No entanto, essas observações potencialmente destruidoras de paradigmas que poderiam revolucionar nossa compreensão da natureza da consciência e sua relação com o cérebro ainda são descartadas por muitos profissionais como alucinações irrelevantes produzidas por uma crise biológica. Eles também não são rotineiramente registrados e examinados como uma parte importante do

histórico médico dos pacientes e nenhum apoio psicológico específico está sendo oferecido na maioria das instalações médicas que ajudariam a integrar esses eventos desafiadores.

As pessoas que morrem nas sociedades ocidentais também freqüentemente carecem de apoio humano eficaz que facilitaria sua transição. Tentamos nos proteger do desconforto emocional que a morte induz. O mundo industrial tende a remover pessoas doentes e moribundas para hospitais e asilos. A ênfase está nos sistemas de suporte à vida e no prolongamento mecânico da vida, geralmente além de quaisquer limites razoáveis, e não na qualidade do ambiente humano. O sistema familiar se desintegrou e os filhos geralmente moram longe dos pais e avós. No momento da crise médica, o contato geralmente é formal e mínimo. Além disso, os profissionais de saúde mental, que desenvolveram formas específicas de apoio psicológico e aconselhamento para uma grande variedade de crises emocionais, não deram quase nenhuma atenção aos moribundos. Aqueles que enfrentam a mais profunda de todas as crises imagináveis, uma que afeta simultaneamente os aspectos biológicos, emocionais, interpessoais, sociais, filosóficos e espirituais do indivíduo, continuam sendo os únicos para os quais não há ajuda significativa disponível.

Tudo isso ocorre no contexto muito maior de negação coletiva de impermanência e mortalidade que caracteriza a civilização industrial ocidental. Grande parte do nosso encontro com a morte ocorre de forma higienizada, onde uma equipe de profissionais mitiga seu impacto imediato. Em sua expressão extrema, inclui barbeiros e cabeleireiros post-mortem, alfaiates, especialistas em maquiagem e cirurgiões plásticos que fazem uma grande variedade de ajustes cosméticos no cadáver antes que ele seja mostrado a parentes e amigos. A mídia ajuda a criar mais distância da morte, diluindo-a em estatísticas vazias, relatando de fato os milhares de vítimas que morreram em guerras, revoluções e catástrofes naturais. Filmes e programas de TV banalizam ainda mais a morte, capitalizando a violência. Eles imunizam o público moderno contra sua relevância emocional, expondo-o a inúmeras cenas de morte, assassinato e assassinato no contexto do entretenimento.

Em geral, as condições de vida existentes nos países tecnologicamente modernos não oferecem muito apoio ideológico ou psicológico para as pessoas que estão enfrentando a morte. Isso contrasta muito com a situação encontrada pelos que morrem em uma das sociedades antigas e pré-industriais. Suas cosmologias, filosofias, mitologias, bem como a vida espiritual e ritual, contêm uma mensagem clara de que a morte não é o fim absoluto e irrevogável de tudo, que a vida ou a existência continuam de alguma forma após a morte biológica. As mitologias escatológicas concordam em geral que a alma do falecido passa por

uma série complexa de aventuras na consciência. A jornada póstuma da alma é algumas vezes descrita como uma viagem por paisagens fantásticas que têm alguma semelhança com as da Terra, outras como encontros com vários seres arquetípicos ou como se movendo através de uma sequência de estados não ordinários de consciência (mais tarde ENOC) . Em algumas culturas, a alma alcança um domínio temporário no Além, como o purgatório cristão ou os lokas do budismo tibetano, em outras uma morada eterna - céu, inferno, paraíso ou domínio do sol.

As sociedades pré-industriais pareciam concordar que a morte não era a derrota final e o fim de tudo, mas uma transição importante. As experiências associadas à morte foram vistas como visitas a importantes dimensões da realidade que mereciam ser experimentadas, estudadas e cuidadosamente mapeadas. Os moribundos estavam familiarizados com as cartografias escatológicas de suas culturas, fossem mapas xamânicos das paisagens funerárias ou descrições sofisticadas dos sistemas espirituais orientais, como os encontrados no tibetano Bardo Thödol. Este texto importante do budismo tibetano representa um contraponto interessante à ênfase pragmática exclusiva na vida produtiva e na negação da morte, caracterizando a civilização ocidental. Ele descreve o tempo da morte como uma oportunidade única de libertação espiritual dos ciclos de morte e renascimento e um período que determina nossa próxima encarnação, se não alcançarmos a libertação. Nesse contexto, é possível ver o estado intermediário entre vidas (bardo) como sendo de certa forma mais importante que a existência encarnada. É então essencial preparar-se para esse tempo praticando sistematicamente durante toda a nossa vida.

Outro aspecto característico das culturas antigas e pré-industriais que colorem a experiência de morrer é a aceitação da morte como parte integrante da vida. Ao longo de sua vida, as pessoas que vivem nessas culturas se acostumam a passar o tempo morrendo, lidando com cadáveres, observando a cremação e vivendo com seus remanescentes. Para um ocidental, uma visita a um lugar como Benares, onde essa atitude é expressa em sua forma extrema, pode ser uma experiência profundamente abaladora. Além disso, pessoas que estão morrendo em culturas pré-industriais geralmente morrem no contexto de uma família, clã ou tribo extensa. Assim, eles podem receber apoio emocional significativo de pessoas que conhecem intimamente. Também é importante mencionar rituais poderosos conduzidos no momento da morte, projetados para ajudar as pessoas que enfrentam a transição definitiva, ou mesmo orientações específicas dos moribundos, como a abordagem descrita no Bardo Thödol.

Um fator extremamente importante que influencia a atitude em relação à morte e a experiência de morrer tem sido a existência de várias formas de treinamento

experimental para morrer envolvendo o ENOC. O mais antigo deles é a prática do xamanismo, a religião mais antiga e a arte de curar a humanidade, cujas raízes remontam à era paleolítica. Entre as belas imagens de animais primitivos pintados e esculpidos nas paredes das grandes cavernas no sul da França e no norte da Espanha, como Lascaux, Font de Gaume, Les Trois Frères, Altamira e outras, estão figuras que, sem dúvida, representam xamãs antigos. Em algumas das cavernas, os descobridores também encontraram pegadas em arranjos circulares, sugerindo que seus habitantes realizavam danças, semelhantes às que ainda são realizadas por algumas culturas aborígenes para a indução de ENOC. O xamanismo não é apenas antigo, mas também universal; pode ser encontrado na América do Norte e do Sul, na Europa, África, Ásia, Austrália e Polinésia.

O xamanismo está intimamente ligado ao ENOC, bem como à morte e ao morrer. A carreira de muitos xamãs começa com a "doença xamânica", uma crise inicial espontânea propícia à cura profunda e à transformação psicoespiritual. É uma jornada visionária que envolve a visita ao submundo, provações dolorosas e assustadoras, e uma experiência de morte e renascimento psicológico, seguida de ascensão aos reinos supernais. Nesta experiência, o xamã iniciante se conecta às forças da natureza e ao reino animal e aprende como diagnosticar e curar doenças. O conhecimento do reino da morte adquirido durante essa transformação permite ao xamã mover-se livremente para frente e para trás e mediar essas jornadas para outras pessoas.

Os antropólogos também descreveram ritos de passagem, rituais elaborados conduzidos por várias culturas aborígenes no momento de importantes transições biológicas e sociais, como nascimento, circuncisão, puberdade, casamento, morte e outros. Eles empregam tecnologias poderosas de alteração da mente e as experiências induzidas por eles giram em torno da tríade nascimento-sexo-morte. Seu simbolismo envolve diferentes combinações de elementos perinatais e transpessoais. O trabalho clínico com psicodélicos e várias abordagens experimentais não relacionadas a drogas (como a Respiração Holotrófica) nos ajudou a entender esses eventos e a apreciar sua importância para indivíduos e grupos humanos.

Intimamente relacionados aos ritos de passagem estavam os antigos mistérios da morte e do renascimento, procedimentos sagrados e secretos complexos que também usavam poderosas técnicas de alteração da mente. Eles eram particularmente predominantes na região do Mediterrâneo, como exemplificado pelas cerimônias babilônicas de Inana e Tammuz, os mistérios egípcios de Ísis e Osíris, o culto órfico, a bacanal, os mistérios eleusinos, os ritos coribânticos e os mistérios de Attis e Adonis. Os mistérios foram baseados em histórias mitológicas de divindades que simbolizam a morte e o renascimento. Os mais famosos deles

foram os mistérios eleusinos que eram realizados perto de Atenas a cada cinco anos, sem interrupção, por um período de quase 2.000 anos. De acordo com um estudo moderno de Wasson, Hofmann e Ruck, a poção ritual ("kykeon") usada nesses mistérios continha preparações de ergot relacionadas estreitamente ao LSD (Wasson, Hofmann e Ruck 1978).

De particular interesse para pesquisadores de orientação transpessoal é a literatura sagrada das várias tradições místicas e as grandes filosofias espirituais do Oriente. Aqui pertencem os vários sistemas de yoga, a teoria e a prática do budismo, taoísmo, vajrayana tibetano, sufismo, misticismo cristão, cabala e muitos outros. Esses sistemas desenvolveram formas eficazes de orações, meditações, meditações de movimento, exercícios respiratórios e outras técnicas poderosas para induzir ENOC com componentes profundamente espirituais. Assim como as experiências dos xamãs, iniciados nos ritos de passagem e neófitos nos mistérios antigos, esses procedimentos ofereciam a possibilidade de enfrentar a impermanência e a mortalidade, transcender o medo da morte e transformar radicalmente o ser no mundo.

A descrição dos recursos disponíveis para pessoas que estão morrendo em culturas pré-industriais não estaria completa sem mencionar os livros dos mortos, como o tibetano Bardo Thödol, o egípcio Pert em hru, o asteca Codex Borgia ou o europeu Ars Moriendi. Quando os livros antigos dos mortos chamaram a atenção dos estudiosos ocidentais, eles foram considerados descrições fictícias da jornada póstuma da alma e, como tais, invenções desejáveis de pessoas que eram incapazes de aceitar a sombria realidade da morte. Eles foram colocados na mesma categoria que os contos de fadas - criações imaginárias da fantasia humana que tinham beleza artística definida, mas sem relevância para a realidade cotidiana.

No entanto, um estudo mais aprofundado desses textos revelou que eles haviam sido usados como guias no contexto de mistérios sagrados e da prática espiritual e muito provavelmente descreviam as experiências dos iniciados e dos praticantes. A partir dessa nova perspectiva, apresentar os livros dos mortos como manuais para os moribundos parecia ser simplesmente um disfarce inteligente inventado pelos padres para obscurecer sua função real e proteger seu significado e mensagem esotéricos mais profundos dos não iniciados. No entanto, o problema restante era descobrir a natureza exata dos procedimentos usados pelos antigos sistemas espirituais para induzir esses estados.

Pesquisas modernas, focadas no ENOC, trouxeram novas perspectivas inesperadas para essa área problemática. O estudo sistemático das experiências em sessões psicodélicas, formas poderosas de psicoterapia não medicamentosa e crises

psicoespirituais que ocorrem espontaneamente mostraram que em todas essas situações, as pessoas podem encontrar todo um espectro de experiências incomuns, incluindo sequências de agonia e morte, passando pelo inferno, enfrentando o julgamento divino, renascendo, alcançando os reinos celestiais e confrontando memórias de encarnações anteriores. Esses estados eram surpreendentemente semelhantes aos descritos nos textos escatológicos de culturas antigas e pré-industriais.

Outra peça que faltava no quebra-cabeça foi fornecida pela tanatologia, a nova disciplina científica que estuda especificamente a morte e o morrer. Estudos tanatológicos de estados de quase morte por pessoas como Raymond Moody (Vida após a vida) (Moody 1975), Kenneth Ring (Life at Death and Heading Toward Omega) (Ring 1982, 1985), Michael Sabom (Recollections of Death) (Sabom 1982), Bruce Greyson e Charles Flynn (The Near Death Experience) (Greyson e Flynn 1984) mostraram que as experiências associadas a situações de risco de vida têm uma profunda semelhança com as descrições dos livros antigos dos mortos, bem como com aquelas relatadas por sujeitos em sessões psicodélicas e psicoterapia experiencial moderna.

Ficou assim claro que os textos escatológicos antigos são na verdade mapas dos territórios internos da psique encontrados no ENOC profundos, incluindo aqueles associados à morte biológica. As experiências envolvidas parecem transcender raça e cultura e se originam no inconsciente coletivo, conforme descrito por C.G. Jung. É possível passar a vida inteira sem nunca experimentar esses reinos ou mesmo sem estar ciente de sua existência, até que alguém seja catapultado para eles no momento da morte biológica. No entanto, para algumas pessoas, essa área experimental fica disponível durante a vida em uma variedade de situações, incluindo sessões psicodélicas ou outras formas poderosas de autoexploração, prática espiritual séria, participação em rituais xamânicos ou durante crises psicoespirituais espontâneas. Isso abre para eles a possibilidade de exploração experimental desses territórios da psique em seus próprios termos, para que o encontro com a morte não seja uma surpresa completa quando lhes for imposto no momento da morte biológica.

O monge agostiniano austríaco Abraham, um Santa Clara, que viveu no século XVII, expressou de maneira sucinta a importância da prática experiencial da morte: "O homem que morre antes de morrer não morre quando morre". Esse "morrer antes de morrer" tem duas consequências importantes: libera o indivíduo do medo da morte e muda sua atitude em relação a ele, além de influenciar a experiência real de morrer no momento da morte biológica. No entanto, essa eliminação do medo da morte também transforma o modo de ser do indivíduo no mundo. Por esse motivo, não há diferença fundamental entre a preparação para

a morte e a prática de morrer, por um lado, e a prática espiritual que leva à iluminação, por outro. Esta é a razão pela qual os livros antigos dos mortos poderiam ser usados em ambas as situações.

Como vimos, muitos aspectos da vida nas culturas pré-industriais facilitaram significativamente a situação psicológica das pessoas que estão morrendo em comparação com a civilização tecnológica ocidental. Naturalmente, a questão que surge imediatamente é se essa vantagem se deve, em grande parte, à falta de informações confiáveis sobre a natureza da realidade e à ilusão de si mesma. Se fosse esse o caso, uma parte significativa de nossas dificuldades em enfrentar a morte seria simplesmente o preço que temos que pagar pelo nosso conhecimento mais profundo do esquema universal das coisas e podemos preferir suportar as consequências de conhecer a verdade. No entanto, um exame mais detalhado das evidências existentes mostra claramente que esse não é o caso.

O fator mais importante responsável pelas diferenças mais fundamentais entre a visão de mundo das culturas industriais ocidentais e todos os outros grupos humanos ao longo da história não é a superioridade da ciência materialista sobre a superstição primitiva, mas nossa profunda ignorância em relação aos ENOC. A única maneira pela qual a visão de mundo newtoniano-cartesiano da ciência ocidental pode ser mantida é pela supressão sistemática ou interpretação errônea de todas as evidências geradas pelos estudos da consciência, se sua fonte é história, antropologia, religião comparada ou várias áreas da pesquisa moderna, como a parapsicologia, tanatologia, terapia psicodélica, biofeedback, privação sensorial, psicoterapias experimentais ou o trabalho com indivíduos em crises psicoespirituais ("emergências espirituais").

A prática sistemática de várias formas de ENOC, que caracteriza o ritual e a vida espiritual de culturas antigas e aborígenes, inevitavelmente leva a uma compreensão da natureza da realidade e da relação entre consciência e matéria que é fundamentalmente diferente do sistema de crenças das sociedades tecnologizadas. Ainda não encontrei um único acadêmico ocidental que tenha realizado um extenso trabalho interno envolvendo os ENOC e continue subscrevendo o entendimento científico atual de consciência, psique, natureza humana e natureza da confiança ensinada nas universidades ocidentais. Isso é totalmente independente da formação educacional, do QI e da área específica de especialização dos indivíduos envolvidos. A diferença em relação à possibilidade de consciência após a morte reflete exatamente as diferenças de atitude em relação aos ENOC.

As culturas antigas e pré-industriais mantinham os ENOC em alta estima, as

praticavam regularmente em contextos socialmente sancionados e gastavam muito tempo e energia desenvolvendo técnicas seguras e eficazes de induzi-las. Essas experiências foram o principal veículo para sua vida ritual e espiritual como um meio de comunicação direta com domínios arquetípicos de divindades e demônios, forças da natureza, os reinos animais e o cosmos. Usos adicionais dos ENOC envolviam diagnóstico e cura de doenças, cultivo da intuição e PES (percepção extra sensorial) e obtenção de inspiração artística, além de propósitos práticos, como localizar jogos e encontrar objetos e pessoas perdidos. Segundo o antropólogo Victor Turner, o compartilhamento em grupos também contribui para o vínculo tribal e tende a criar um senso de profunda conexão (communitas).

A sociedade ocidental patologizou todas as formas de ENOC (com exceção dos sonhos que não são recorrentes ou pesadelos), gasta muito tempo tentando desenvolver maneiras eficazes de suprimi-las quando ocorrem espontaneamente e tende a proibir ferramentas e contextos associados a elas. A psiquiatria ocidental não faz distinção entre uma experiência mística e uma experiência psicótica e vê ambas como manifestações de doenças mentais. Em sua rejeição à religião, não diferencia entre crenças populares primitivas ou interpretações literais dos fundamentalistas das escrituras e tradições místicas sofisticadas e filosofias espirituais orientais baseadas em séculos de exploração introspectiva sistemática da psique. Essa abordagem patologizou toda a história espiritual da humanidade.

Vamos agora revisar brevemente as observações de vários campos de pesquisa que desafiam o entendimento materialista, segundo o qual a morte biológica representa o fim final da existência e de qualquer atividade consciente de qualquer espécie. Em qualquer exploração desse tipo, é importante manter a mente aberta e focar o máximo possível apenas nos fatos da observação. Um compromisso a priori inabalável com o paradigma existente que caracteriza a abordagem da ciência convencional a essa área é uma atitude bem conhecida das religiões fundamentalistas. Diferentemente do cientificismo desse tipo, a ciência, no verdadeiro sentido da palavra, está aberta à investigação imparcial de qualquer fenômeno existente. Com isso em mente, podemos dividir as evidências existentes em duas categorias:

1. Experiências e observações que desafiam o entendimento tradicional da natureza da consciência e sua relação com a matéria.
2. Experiências e observações especificamente relacionadas à compreensão da morte e sobrevivência da consciência.

### **1. Experiências e observações desafiando o entendimento tradicional da**

## **consciência e sua relação com a matéria.**

O trabalho com os ENOC gerou um vasto conjunto de evidências que representam um sério desafio para o paradigma newtoniano-cartesiano da ciência materialista. A maioria dos dados desafiadores está relacionada a fenômenos transpessoais que representam uma parte importante do espectro de experiências observadas nos ENOC. Eles sugerem uma necessidade urgente de uma revisão radical de nossos conceitos atuais da natureza da consciência e sua relação com a matéria e o cérebro. Como o paradigma materialista da ciência ocidental tem sido um grande obstáculo para qualquer avaliação objetiva dos dados que descrevem os eventos ocorridos no momento da morte, o estudo das experiências transpessoais tem uma relevância indireta para a tanatologia.

Nas experiências transpessoais, é possível transcender as limitações usuais do corpo, espaço e tempo linear. O desaparecimento das fronteiras espaciais pode levar a identificações autênticas e convincentes com outras pessoas, animais de diferentes espécies, vida vegetal e até materiais e processos inorgânicos. Pode-se também transcender os limites temporais e experimentar episódios da vida de seus ancestrais humanos e animais, bem como memórias coletivas, raciais e cármicas. Além disso, as experiências transpessoais podem nos levar aos domínios arquetípicos do inconsciente coletivo e mediar o encontro com divindades felizes e iradas de várias culturas e visitas a reinos mitológicos. Em todos esses tipos de experiências, é possível acessar informações inteiramente novas que superam de longe qualquer coisa que obtivemos anteriormente através dos canais convencionais. O estudo da consciência que pode se estender além do corpo, a "consciência teta" de William Roll ou o "corpo longo" dos iroqueses, é extremamente importante para a questão da sobrevivência, uma vez que é essa parte da personalidade humana que provavelmente sobreviverá morte.

Segundo a ciência materialista, qualquer memória requer um substrato material, como a rede neuronal no cérebro ou as moléculas de DNA dos genes. No entanto, é impossível imaginar qualquer meio material para as informações transmitidas por várias formas de experiências transpessoais descritas acima. Essa informação claramente não foi adquirida durante a vida do indivíduo por meios convencionais, isto é, pela percepção sensorial. Parece existir independentemente da matéria e estar contido no próprio campo da consciência, ou em alguns outros tipos de campos que não podem ser detectados por nossos instrumentos científicos. As observações do estudo de experiências transpessoais são apoiadas por evidências provenientes de outras vias de pesquisa. Desafiando as suposições metafísicas básicas do pensamento newtoniano-cartesiano, cientistas como Heinz von Foerster (von Foerster 1965), Rupert Sheldrake

(Sheldrake 1981) e Ervin Laszlo (1994) exploram seriamente possibilidades como "memória sem substrato material", "campos morfogenéticos" "e o registro de todos os eventos da história do universo no subquântico "psi-field".

A ciência acadêmica tradicional descreve os seres humanos como animais altamente desenvolvidos e máquinas de pensamento biológico. Experientes e estudados no estado cotidiano da consciência, parecemos ser objetos newtonianos feitos de átomos, moléculas, células, tecidos e órgãos. No entanto, as experiências transpessoais mostram claramente que cada um de nós também pode manifestar as propriedades de um campo de consciência que transcende espaço, tempo e causalidade linear. A nova fórmula completa, remotamente remanescente do paradoxo onda-partícula na física moderna, descreve os seres humanos como seres paradoxais que têm dois aspectos complementares: eles podem mostrar propriedades de objetos newtonianos e também aquelas de campos infinitos de consciência. A adequação de cada uma dessas descrições depende do estado de consciência em que essas observações são feitas. A morte física parece então encerrar metade dessa definição, enquanto a outra entra em plena expressão.

## **2. Experiências e observações especificamente relacionadas à compreensão da morte e sobrevivência da consciência.**

### **a. Fenômenos no limiar da morte.**

Os pesquisadores relataram uma variedade de fenômenos interessantes ocorrendo no momento da morte. Aqui pertencem, por exemplo, inúmeras visões de pessoas que acabaram de morrer relatadas por seus parentes, amigos e conhecidos. Verificou-se que essas visões mostram correlação estatisticamente significativa com mortes de ocorrência distante das pessoas que aparecem dentro de um período de doze horas (Sidgwick 1889). Também existem relatos de eventos físicos inexplicáveis que ocorrem no momento da morte, como relógios parando e dando partida, sinos tocando, pinturas ou fotografias caindo da parede e outros que parecem anunciar a morte de uma pessoa (Bozzano, 1948). Indivíduos que se aproximam da morte geralmente experimentam encontros com seus parentes mortos, que parecem recebê-los no próximo mundo. Essas visões no leito de morte são muito autênticas e convincentes; eles são frequentemente seguidos por um estado de euforia e parecem facilitar a transição. Vários casos foram relatados, nos quais um indivíduo que está morrendo tem a visão de uma pessoa sobre cuja morte ele ou ela não conheceu; estes foram referidos como casos de "pico em Darien".

De particular interesse são as experiências de quase morte (EQM) que ocorrem

em cerca de um terço das pessoas que enfrentam várias formas de situações com risco de vida, como acidentes de carro, quase afogamentos, ataques cardíacos ou paradas cardíacas durante as operações. Raymond Moody, Kenneth Ring, Michael Sabom, Bruce Greyson e outros fizeram uma extensa pesquisa sobre esse fenômeno e descreveram um padrão experiencial característico que normalmente inclui uma revisão da vida, passagem por um túnel escuro, julgamento pessoal com avaliação ética da própria vida, encontro com um ser divino radiante e visita a vários reinos transcendentais. Menos frequentes são os tipos de EQMs dolorosas, provocadoras de ansiedade e infernais.

Em nosso programa de terapia psicodélica com pacientes com câncer terminal, realizado no Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland, em Baltimore, conseguimos obter algumas evidências sobre a semelhança das EQMs com experiências induzidas por substâncias psicodélicas. Observamos vários pacientes que tiveram primeiras experiências psicodélicas e, posteriormente, uma EQM real quando a doença progrediu (por exemplo, uma parada cardíaca durante uma operação). Eles relataram que essas situações eram muito semelhantes e descreveram as sessões psicodélicas como um treinamento experimental inestimável para morrer (Grof, 1976).

O aspecto mais extraordinário e fascinante das EQMs é a ocorrência de experiências extracorpóreas "verídicas" (EECs), um termo usado para experiências de consciência desencarnada com percepção extra-sensorial precisa. Os estudos tanatológicos confirmaram repetidamente que pessoas inconscientes ou mesmo clinicamente mortas podem ter OOBs durante as quais observam seus corpos e os procedimentos de resgate de cima ou percebem eventos em locais remotos. O novo estudo tanatológico atual agora se concentra na confirmação de algumas observações preliminares dessas experiências que ocorrem em pessoas cegas congênitas. Descrições clássicas de EECs podem ser encontradas na literatura espiritual e em textos filosóficos de todas as idades. A pesquisa tanatológica moderna confirma, assim, as descrições do Livro dos Mortos tibetano (Bardo Thödol), segundo o qual um indivíduo após a morte assume um "corpo bardo" que transcende as limitações de tempo e espaço e pode viajar livremente pela terra.

As EECs verídicas não ocorrem apenas no contexto de situações de quase morte, emergências vitais e episódios de morte clínica. Eles podem surgir nas sessões de poderosa psicoterapia experiencial (como terapia primária, renascimento ou Respiração Holotrófica), no contexto de experiências induzidas por psicodélicos (particularmente o anestésico dissociativo Ketamina) e também espontaneamente. Tais eventos podem representar episódios isolados na vida do indivíduo ou ocorrer repetidamente como parte de uma crise de abertura psíquica

ou algum outro tipo de emergência espiritual. A autenticidade dos EECs também foi demonstrada em estudos clínicos controlados, como os experimentos do conhecido psicólogo e parapsicólogo Charles Tart com a Sra. Z. da Universidade da Califórnia em Davis (Tart 1968) e testes perceptivos realizados por Karlis Osis e D. McCormick com Alex Tanous (Osis e McCormick 1980).

As EECs com PES confirmada do meio ambiente são de especial importância para o problema da consciência após a morte, pois demonstram a possibilidade de a consciência operar independentemente do corpo. De acordo com a cosmovisão materialista ocidental, a consciência é um produto dos processos neurofisiológicos no cérebro e é absurdo pensar que a consciência possa se destacar do corpo e manter sua capacidade sensorial. No entanto, é exatamente isso que ocorre em muitos casos bem documentados de EECs. Naturalmente, as pessoas que tiveram EEC podem ter chegado perto da morte, mas realmente não morreram. No entanto, parece razoável inferir que, se a consciência puder funcionar independentemente do corpo durante a vida, ela poderá fazer o mesmo após a morte.

#### b. Experiências de vidas passadas.

Existe uma categoria de experiências transpessoais que tem relevância muito direta para o problema da sobrevivência da consciência após a morte. Envolve reviver ou relembrar episódios vívidos de outros períodos históricos e de várias partes do mundo. A universalidade histórica e geográfica dessas experiências sugere que elas representam um fenômeno cultural muito importante. Eles também têm implicações críticas para a compreensão da natureza da consciência, da psique e dos seres humanos e da teoria e prática da psiquiatria, psicologia e psicoterapia.

Para os hindus, budistas e também para pesquisadores de consciência aberta e conhecedora, a reencarnação não é uma questão de crença, mas uma questão empírica, baseada em uma variedade de experiências e observações. Segundo Christopher Bache, as evidências nessa área são tão ricas e extraordinárias que os cientistas que não pensam que o problema da reencarnação merece um estudo sério são "desinformados ou tímidos" (Bache 1988).

A natureza da evidência existente com a qual devemos nos familiarizar antes de fazer julgamentos sobre reencarnação é descrita em uma linguagem mitológica em uma passagem escrita por Sholem Asch, um estudioso hassídico do século XX: "Não é o poder de lembrar, mas o seu oposto, o poder do esquecimento é uma condição necessária da nossa existência. De acordo com a visão judáica, nós fazemos a transição sob o domínio do anjo do esquecimento. Mas às vezes

acontece que o próprio anjo do esquecimento esquece de remover de nossas memórias os registros do mundo anterior; e então nossos sentidos são assombrados por lembranças fragmentárias de uma outra vida. Flutuam como nuvens rasgadas acima das colinas e vales da mente e se tecem aos incidentes de nossa existência atual".

Naturalmente, precisamos mais do que uma referência poética à mitologia antiga. Um estudo cuidadoso das evidências reunidas é absolutamente necessário para tirar conclusões válidas nessa área. Como discutiremos mais adiante, esse assunto é de grande importância, uma vez que as crenças a respeito da questão da reencarnação têm grande impacto ético na vida humana e possível relevância para a situação no mundo e seu futuro.

### **Memórias espontâneas de vidas passadas em crianças.**

Existem muitos casos de crianças pequenas que parecem lembrar e descrever sua vida anterior em outro corpo, outro lugar e com outras pessoas. Essas memórias geralmente surgem espontaneamente logo após essas crianças começarem a conversar. Eles geralmente apresentam várias complicações na vida dessas crianças e podem até estar associados a "patologias de transição", como fobias, reações estranhas a certas pessoas ou várias idiossincrasias. Casos como esse foram descritos por psiquiatras infantis. O acesso a essas memórias geralmente desaparece entre as idades de cinco e oito.

Ian Stevenson, professor de psicologia da Universidade da Virgínia em Charlottesville, VA, conduziu estudos meticulosos de mais de três mil desses casos e os relatou em seus livros *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, *Idiomas Não Apreendidos* e *Crianças que Lembram Vidas Anteriores* (Stevenson 1966, 1984 e 1987), relatando apenas várias centenas deles, porque muitos não cumpriram o padrão mais alto. Alguns deles foram eliminados porque a família se beneficiou financeiramente, em termos de prestígio social ou atenção pública, outros porque Stevenson encontrou uma pessoa conectada que poderia ter sido o elo psíquico. Razões adicionais foram testemunhos inconsistentes, criptomnésia, testemunhas de caráter questionável ou indicação de fraude. Apenas os casos mais fortes foram incluídos.

Os resultados da pesquisa de Stevenson foram bastante notáveis. Ele conseguiu confirmar por investigação independente as histórias que as crianças estavam contando sobre suas vidas anteriores, muitas vezes com detalhes incríveis, embora ele tenha eliminado em todos os casos relatados a possibilidade de que eles pudessem obter as informações através dos canais convencionais. Em alguns casos, ele realmente levou as crianças para a vila que elas lembraram da vida

anterior. Embora eles nunca estivessem lá em sua vida atual, eles estavam familiarizados com a topografia da vila, conseguiram encontrar a casa em que supostamente moravam, reconheceram os membros de sua "família" e os moradores e sabiam seus nomes. Para ilustrar a natureza do material de Stevenson, apresentarei aqui uma versão condensada da história de Parmod Sharma, um dos vinte assuntos descritos em sua publicação inicial.